

VIDA ARTISTICA

SEMANARIO DE ARTES E LETTRAS

EDITOR — Ernesto Zenoglio
DIRECTOR E PROPRIETARIO — J. Pedroso Amado
CHEFE DE REDACÇÃO — Valentim T. Costa e Silva

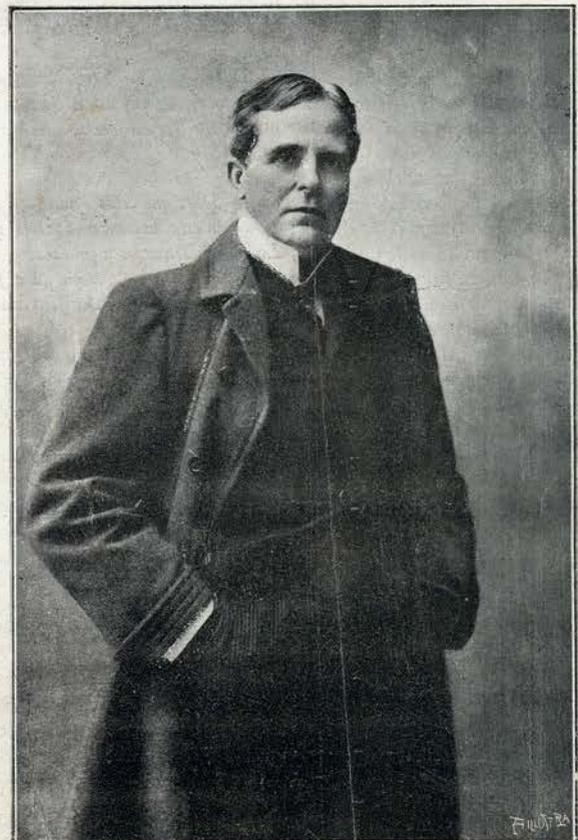
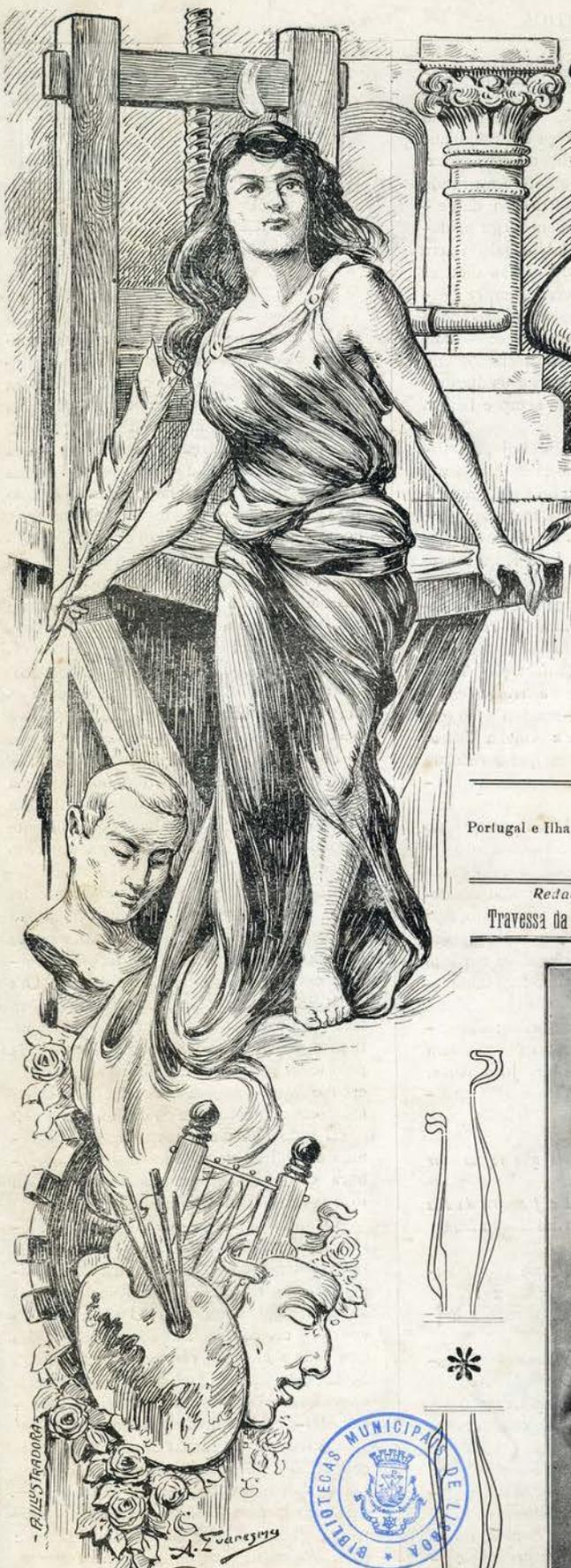


ASSIGNATURA

Portugal e Ilhas	3 mezes	Rs. 3300	Estrangeiro	3 mezes	Rs. 3900
	6 "	" 6600		6 "	" 11800
	12 "	" 12200		12 "	" 35600

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

<i>Redacção e Administração</i>	<i>Composição e Impressão</i>
Travessa da Queimada, 42, 1.º — LISBOA	C.ª Typographica - R. do Ferregal de Baixo, 12



João Rosa



Anno 1.º Numero 1

3.ª SEMANA DE MARÇO DE 1911

REG. 207
Reg. nº 6504

Um anniversario luctuoso

16 de Março de 1910

O actor JOÃO ROSA

Se este semanario tem por divisa *Para Arte e pela Arte*, impunha-se-lhe o grato dever de commemorar com algumas palavras de pungente saudade a data que riscou do numero dos vivos a figura de mais incomparavel destaque que o meio artistico nacional contemporaneo possuiu.

Completo-se na penultima quarta feira um anno sobre o dia em que victimado por uma traiçoeira lesão cardiaca passou a outra vida o actor João Rosa.

Na banalidade óca das palavras dia a dia escriptas, nós desejaríamos encontrar algumas tão desvulgares e grandes que dissessem alguma coisa mais do que vulgarmente costumamos dizer, quando *pro forma* o fazemos, no uso da nossa profissão que nem sempre é guiada pela expressão do sentimento que nos invade.

Não só para nós a memoria do actor João Rosa é inolvidavel; aquella face serena e calma d'uma creatura a bem com a consciencia d'um dever cumprido, (e largamente sem duvida) pois é um dever pôr ao serviço d'uma arte a compleição que para ella nasceu, viverá imperecivelmente na memoria de todos aquelles, amigos ou indifferentes, que no palco dos theatros de *D. Maria II* e *D. Amelia* tiveram a sublime ventura de o ver cultivar com uma enorme intuição a genuina extractura de qualquer genero de theatro.

É um homem que fez da sua profissão um sacerdocio, que foi actor para o theatro em vez de buscar n'elle um modo de vida, que legou uma escola sem discipulos sim, mas uma escola, que necessita d'um temperamento e d'uma vocação fóra do que correntemente vemos, não é uma figura grandemente grande que ha de viver em quanto houver artistas em Portugal?

Que importa que o homem morra, que o deixemos de ver bello e unico roçar hombro com hombro comnosco, se no nosso espirito, nos nossos olhos, no nosso ouvido, sentimos, vemos, ouvimos o calor da sua interpretação, o vulto de um grande actor, a inflexão verdadeiramente adequada a um *Parisense* de Marcel Prevost, a um *Cura* de João da Camara ou a fidalgo invejoso e sorrido de Marcelino de Mesquita?

Disse-o o principe dos poetas portuguezes:

«O sabio não vae todo á sepultura»

«Na memoria dos homens vive e perdura.»

e nunca tão bem se adequou como para João Rosa a verdade de uma tal affirmacão, se bem que uma epocha caçada e gasta moral e intellectualmente torne um tanto phylosophica semelhante affirmacão.

Mas o actor de quem hoje commemoramos o passamento, é uma figura, que no seu meio, (e n'isso está o seu maior elogio,) e sempre tratada com a veneração,

com o respeito digno que o seu logar mereceu para com os seus successores, que embora muito lhes custe, não professam uma entidade que esmoreça a individualidade que elle marcou no theatro portuguez.

João Rosa não foi sómente um grande actor, foi um espirito cavalheiresco, de verdadeiro homem de bem, sem larga profusão de phrases que dos labios sahem sem que o coração e a sã virtude as dictem. Nos seus cumprimentos havia sempre a essencia da verdade, nos seus conselhos a preocupação do acerto e se carecessemos de factos a comproval-o não teríamos um, mas mil que nol-os dariam os seus discipulos queridos e de quem elle sempre fallava com verdadeiro carinho:

A actriz Lucilia Simões, hoje, infelizmente, retirada de scena e Henrique Alves que ainda hoje invoca com uma grande saudade a memoria do seu mestre e amigo e que no palco do *Republica* segue com a honestidade cimentada por João Rosa a arte que abraçou.

Na sua figura verdadeiramente aristocratica, havia o temperamento *rafiné* de quem é naturalmente gentil, sem preocupação, mas tambem sem affectação. Tinha sempre um dito galante e *namorado* (como bom portuguez) e lembra-nos um caso que nos foi contado pela actriz Amelia Vieira, hoje surda e fóra de scena, que o recorda com a saudade que traz sempre uma convivencia sã:

Nos ultimos tempos de João Rosa, quando já não representava mas em que ainda assistia ás primeiras representações no então *D. Amelia*, estando n'um intervalo no camarim do seu querido irmão Augusto, appareceu Amelia Vieira que munida da sua inseparavel corneta acustica estava tambem no espectáculo e que ao palco fóra cumprimentar os seus collegas.

Havia muito que se não viam; abraçaram-se com effusão e quando recordavam noites de passados triumphos João Rosa, voltando-se para Amelia Vieira, desfechou-lhe:

— Sabes que estás linda...

Se n'este momento t'esses que representar *Luiz XV* escusavas a pintura.

E' a impressão que me dá a frescura da tua pele branca que uma cabelleira ainda na s branca corôa!

Aristocratico galanteio, como que arrancado á historia galante do seculo xvii.

E finalmente todo esse passado é hoje uma recordação!

Já não mais galanteios cheios de espirito, e creações perduraveis; tudo isso hoje vive no Sacrario fiel dos nossas corações a mitigar a saudade que nos deixou a morte do actor grande e sublime que em vida se chamou João Rosa.

São vulgares as palavras que empregamos na commemoração do anniversario da sua morte, mas são sentidas e bem do fundo do coração as lagrimas com que nos curvamos perante esse athaude onde repousa a maior e mais completa figura de actor que em Portugal houve no seculo xx.

TELMO PAES



O renascimento da musica em Portugal

— I —

Ha tempos para cá temos andado embalados em um sonho de verdadeiro fingimento com respeito ao cultivo da musica no nosso paiz. Talvez muitos se admirem de eu lançar tão cruamente estas linhas, mas acho que começamos agora uma epocha que deve ser embalada com a verdade, para que possamos sahir triumphantes do estado *paralysador* em que viviamos. Nenhuma arte, como a musica, se resentiu tanto! Ao passo que vemos na França, na Alemanha, na Italia, na Russia, em Hespanha e mesmo na Grecia devido á vontade tenaz de G. Nazos, no Brazil, a sublime Arte ter tomado um tão notavel desenvolvimento, olhamos para o nosso paiz e vemos uma decadencia manifesta, não por falta de elementos, mas pelo indifferentismo da nossa gente e pela incuria dos governos que temos tido. O nosso povo é essencialmente musical; se correremos de norte a sul o nosso paiz a analysarmos as musicas nascidas da sua alma, encontraremos melodias que sómente se podem achar em um povo de sentimento artistico.

Geralmente a parte social chamada culta finge gostar de musica, e dentro de si não contem a menor parcela musical nem se lembra, ao de leve, da protecção ao artista nem do desenvolvimento da arte. Ora o artista musico, principalmente o compositor, em Portugal, além de sentir no seu intimo o grave defeito da preguiça, motivada pelo meio retrogado em que vive, não tem escolas nem audições musicas onde possa estar em contacto com os grandes mestres.

E tudo que faz o nosso artista podermos classificar de milagroso, o que corrobora a minha idéa quando affirmo que em Portugal possuimos bons elementos.

Quando o artista sae do Conservatorio, que todos nós sabemos que reforma radical necessita, não encontra centro algum de musica onde possa desenvolver as suas qualidades de artista! O artista musico educa-se ouvindo as obras consagradas! Mas que futuro lhe está reservado? Ou ir para S. Carlos estafar quasi sempre as mesmas operas, ou metter-se a tocar revistas ou encurrular-se nos animatographos!

Os felisardos que vão completar a educação lá fóra, e que depois voltam com os olhos abertos, os governos não os tem aproveitado para professores no Conservatorio; abandona-os e elles vão outra vez para o estrangeiro, onde ficam residindo. Tal principio poderemos classificar de vergonhoso e ridiculo.

No nosso meio musical as *iniciativas* ou luctam com enormes difficuldades para se sustentarem, ou desaparecem ao desabrochar para ninguem mais fallar d'ellas!

Assim temos: *Sociedade de Musica de Camara*, que nos tem dado concertos magnificos, tendo á frente entre outros o sr. Michel Angelo Lambertini a alma da *Sociedade*; cada anno que passa além, é mais uma epoca de sacrificios innumerados. A *Academia de Amadores de Musica*, lá vae andando com uma vontade tenaz contra a corrente; a *Scola Cantorum*, fundada entre nós e dirigida por Alberto Sarti, que nos tem feito conhecer as grandes obras de Palestrina, Mozart, Hayde, Perosi, além de obras portuguezas, etc., e mais nada temos! A fundação da *Grande Orchestra Portuguesa*, devida ao sr. Lambertini que é um benemerito no nosso meio, depois d'alguns concertos no antigo *D. Amelia*, foi uma tentativa que desapareceu! Agora a *Orchestra de Lisboa*, sob a direcção de Julio Cardona, ainda é um problema, e assim vamos andando, sem um impulso serio, dado á arte musical!

Ao traçarmos estas linhas a nossa idea é lançada com verdadeira magua. Não fallamos nos compositores que estão já consagrados; devemos inculcar nos *novos* o maior alento possível. Acabem de vez com essa inveja mesquinha e nojenta que paralysa o nosso artista nacional, façam executar as suas obras, organisem concertos de musica portugueza, escrevam librettos portuguezes para operettas, haja sobre tudo *interesse* em levantar o nosso nome, organisem conferencias todas as semanas no Conservatorio sobre a historia da musica, e tratem desde já de fazerem uma reforma *a serio* ao nosso Conservatorio. A orientação artistica que existe por lá é velha e retrograda como os papyrus. Fundem no Porto, meio musical superior ao nosso, um Conservatorio, organisem concursos todos os annos com bons premios para a melhor peça symphonica apresentada por um artista portuguez, e verão como a musica em Portugal terá em breve um logar de honra como ella merece ha tanto tempo. Melhor occasião não podia haver como agora.

Sim, o horizonte artistico apparece perante nós collorido com as côres mais vivas, enchâmo-nos de boa vontade, ponhamos mãos á obra, e a nossa consciencia ficará tranquilla e satisfeita.

ALFREDO PINTO (SACAVEM)

AGRICULTURA

A oliveira

De todas as arvores que por esse paiz fóra, de Norte a Sul topamos, é sem duvida a oliveira a mais sympatica. Espalhada por todos os cantos onde não chega directa a brisa caustica do Atlantico, ou onde não a mata a temperatura fria das grandes altitudes, a vemos serena e triste com o ar de resignada da sua sorte, quaesquer que sejam as condições de vegetação em que a collocarem.

Seja cobrindo a immensa e magnifica plauura alemtejana, que se estende a perder de

vista até horisontes longinuos, torrada de sol, seja trepando pela escarpa alcantilada, quasi inacessivel ao homem; que limita os côrregos da provincia de Traz-os-Montes, nós encontramos sempre o verde glauco das suas folhas a atestar as suas inegualaveis facultades d'adaptação a todas as modalidades do nosso clima desigual e variado. Generosa, sempre maltratada, objecto de nulos cuidados, batida periodicamente d'anno a anno pela vara inclemente d'um varejador boçal, soffrendo em silencio a sua dôr, vae produzindo cheia de abnegação o oleo saboroso que alumia os deuses e alimenta os homens. Dir-se-hia que o Christo que á sua sombra todas as tardes ia orar, lhe ensinou, a ella mais que aos homens rebeldes por amordos quaes morreu na cruz, essa virtude da resignação e da renuncia que tanto prégou e de que tanto deu exemplo e elles nunca souberam comprehender.

A oliveira é que foi a sua verdadeira discipula que religiosa e christãmente vem cumprindo a sua doutrina de generosidade e amor e corresponde em doçura á falta de carinho com que é tratada e a falta de attenção com que a olham.

A parte uma ou outra excepção praticada por almas boas ou por espiritos intelligentes, é a cultura da oliveira fortemente descurada em todo o paiz.

Poucos são aquelles que se compadecem das suas dôres ou veem e comprehendem as vantagens que ha a tirar da sua propagação e dos cuidados que se lhe dispensam.

E, todavia, nas circumstancias economicas em que se arrasta a agricultura portugueza esmagada pelo preço exorbitante do capital de exploração e por tantas outras causas, só vivendo á sombra d'um regimen pautal prohibitivo da concorrência extranha, podia a oliveira ser uma das nossas principaes fontes de riqueza, senão a principal, sobretudo agora que a vinha atravessa uma crise tremenda, da qual em algumas regiões da nossa terra, é *fê nossa*, não mais se levantará.

Para isso, era preciso apenas que modificassemos um pouco os processos de cultura e fabrico do oleo e modificassemos um pouco a nossa maneira de vêr imprevidente, que faz com que tantas vezes renunciemos á plantação, convencidos de que a grande demora no desenvolvimento da oliveira, a torna util *só para os netos!*

E' tão linda a oliveira!...

SILVIO MENA



Foot-ball

Quem lo decorrer dos ultimos annos tem assistido á pratica dos diversos generos sportivos, não deve ter duvidas que é o *foot-ball* o preferido, levando a palma em quantidade de adeptos a todos os outros *orts* por nos praticados; assim é. Mas, senão, sem a tradicional vontade de

dizer mal que nos é peculiar, apsar da quantidade de jogadores, não nos agrada a *fôrma* como se tem jogado: em regra não há duvida. que os nossos *foot-ballers* tem conhecimentos de jogo, salvo raras excepções, mas apresentam-se irregularmente treinados e muitas vezes tem succedido os desafios transformarem-se em scenas de pugilato de veras lamentaveis.

Não ha duvida que temos bons elementos, mas raros são os que cuidam de se treinarem com methodo. e os que o fazem, é em tão limitado numero que a maioria suppõe o *foot-ball* unicamente destinado ao *shoot* mais ou menos bem mettido, sem se lembrarem que no *foot-ball* as *passagens* são uma das partes principaes do jogo.

As vantagens que se auferem no exercicio do *foot-ball*, que o povo inglez pratica tão cuidadosamente, e mesmo os francezes lhe dedicam merecida attenção, são, além das relativas aos exercicios praticados ao ar livre, o estabelecer a acção dos diversos musculos e augmentar a capacidade de thorax que tão necessaria é; educa a perspicacia dando-nos o que nós costumamos chamar *golpe de vista*, traz-nos decisão e resistencia porque n'elle entra a *corrida* e um corredor que faz este exercicio com a correção que elle exige, é sempre um homem resistente e de agradável aspecto esthetico.

Os treinos deviam ser feitos com cuidado, de fôrma a obter para cada linha de jogadores uma combinação perfeita, escolhendo-os segundo a sua capacidade physica e conhecimentos de jogo e collocando-os nas diversas *inhas* com as citadas condições. Assim os *teams* apresentar-se-iam correctos, do que resultava obterem não só vantagens no jogo, como tambem aquellas a que já fiz referencia.

A disciplina faz parte integrante de um bom desafio, é até mesmo qualidade de um jogador o ser disciplinado, com ella educa a vontade, e d'ahi toda a vantagem que os nossos *foot-ballers* tem, em ser correctos e disciplinados. Sem ordem nem consideração pelos outros jogadores, nunca um desafio pôde ter merecimento ainda que da parte d'alguns haja a melhor boa vontade.

O publico tem a meu vêr commettido um condemnavel erro; quero referir-me aos applausos conferidos aos jogadores; em regra o espectador sente uma certa perdilecção por este ou aquelle jogador, ou ainda por esta ou aquella cathogoria, e então applaude os seus perdilectos, sem conscienciosamente examinar a fôrma como se houveram; este facto vem trazer ao *foot-ball* graves perturbações, quer sejam descontintamentos da parte de uns ou assomos de exagerada imoestia da parte d'outros, não cuidando estes principalmente de progredir como tem por obrigação todos os que se dedicam ao *sport*.

Aqui deixo expostas as faltas que na generalidade me pareceram mais evidentes nas ultimas epocas, principalmente na que está decorrendo; é necessario progredir e para isso aconselho melhor combinação de jogo nas linhas de *frouwards* e *backs*; disciplina nos desafios, cabendo ao juiz de campo mantel-a energicamente, e pedir a publico que nas suas manifestações seja imparcial,

porque mais do que ninguém é a elle que todos gostam de agradar, talvez por uma pontinha de vaidade que não vem para o caso d' scutir.

Eis aqui as impressões que as ultimas epochas de *foot-ball* deixaram a

ROMOLO



Automobilismo

Voltamos ao tempo antigo?

A *voiturette* de tres rodas

E' verdade que o tricycle a petroleo passou á historia, mas é tambem verdade que elle deixou raizes tão profundas que este anno inspirou a construcção das *voiturettes* de tres rodas.

Pelo menos, na Allemanha, essa nova especie de locomoção tem creado verdadeiros entusiastas.

Transporá ella fronteira?

Tel-a-hemos em breve entre nós?

E' necessario não esquecer que a morte do tricycle deu a vida ao quadricycle, de quem logo a seguir nasceu a *voiturette* que embora mais cara deveu a sua vitalidade a razões de peso.

E senão que o digam os tricyclistas; se a *voiturette* não veio tornar mais confortavel e segura a locomoção a petroleo.

Os que pensam na suppressão da quarta roda da *voiturette*, visam á economia da essencia, mas resuscitando com ella o tricycle tornarão este tão confortavel e estavel como o é aquella?

Sob o ponto de vista de estabilidade o tricycle tem por base um triangulo, mas se o centro da gravidade se encontrar muito á frente não haverá o perigo do tombo n'uma volta apertada?

Se ao contrario, elle fór muito perto do rodado trazeiro não se dará o mesmo desastre quando o da frente esbarre no mais pequeno obstaculo ou se exerce o motor n'uma mudança de velocidade mal feita?

Emquanto a conforto a *voiturette* sobreporá sempre ao tricycle.

Tire-se-lhe uma das rodas da frente e forçosamente que isto reduzirá o superficie do polygono de sustentação na razão directa do logar destinado ao passageiro.

Se para que o tricycle soffra um desastre basta que a roda da frente encontre um obstaculo, é inadmissivel que o mesmo succeda a duas rodas parallelas a um mesmo tempo e d'ahi a supremacia da *voiturette* sobre aquella.

Vejamos o que concluem dois artistas allemães ¹ de cotação sobre o assumpto.

Certamente que o choque de essas duas entidades dará alguma coisa de interessante que nós aguardamos.

¹ *Cyklon* Masquinenfabrik e Walthar Isendahl.



N'um jornal francez de automobilismo que acabamos de receber, encontramos umas referencias á *voiturette* de 3 rodas, que o adeantado da hora não nos permite publicar.



Sendo praxe que os grandes bailes principiem sempre por uma quadrilha a que se chama *de honra* damos em seguida a forma por como essa quadrilha deve ser dançada:

1.º — Le Pantalon

Os pares marcantes fazem *chaîne-anglaise*, passando as damas pelo centro (8 compassos).

Chaîne de dames, as damas marcantes fazem cadeia até ficarem nos seus logares (8 compassos).

Repetição pelos outros pares (lados).

A *chaîne de dames* não se conclue actualmente porque a segunda meia volta, a dama termina ao lado direito do cavalheiro respectivo.

2.º — L'été

1.ª figura. — *En-avant-leux*. — Os cavalheiros marcantes com as damas *vis-à-vis* executam o *en-avant en-arrière* (4 compassos).

2.ª figura. — *Traversé*. — Os mesmos cavalheiros e damas cruzam hombro direito com hombro direito até aos logares *vis-à-vis* (4 compassos).

Tornam a executar as 1.ª e 2.ª figuras para voltar aos seus logares (9 compassos).

Repetição pelos outros pares (lados).

3.º — La Poule

1.ª figura. — *En-avant quinqe en ligne*. — Os cavalheiros marcantes fazem *en-avant deux* com as damas *vis-à-vis* em se encontrando ao centro dão mão esquerda a mão esquerda a mão esquerda, meia volta, e a mão direita aos seus pares, formando em linha (4 compassos).

Os 4 pares balanceiam quatro vezes (2 á direita e 2 á esquerda), começando os cavalheiros com o pé direito e as damas com o esquerdo, depois mudam para os logares *vis-à-vis* (4 compassos).

2.ª figura. — Os cavalheiros marcantes fazem depois *en-avant* e *en-arrière* com as damas *vis-à-vis* (4 compassos).

3.ª figura. — Os dois pares fazem *en-avant* e *en-arrière* e uma *demi-chaîne inglesa* para tomarem os seus logares (8 compassos).

Estas figuras repetem-se segunda vez, começando pelos outros cavalheiros.

Repetição pelos outros pares (lados).

4.ª — La Pastourelle

1.ª figura. — O cavalheiro marcante faz com a sua dama 2 vezes *en-avant*, e á segunda vez colloca a mesma dama á esquerda do cavalheiro *vis-à-vis* (8 compassos).

2.ª figura. — O cavalheiro *vis-à-vis* com as duas damas faz duas vezes *en-avant trois*, e á segunda vez fórma uma *demi-ronde* á esquerda e mudam os dois pares para o logar *vis-à-vis* (8 compassos).

3.ª figura. — Os dois pares fazem *en-avant* e *en-arrière* e uma *demi-chaîne inglesa* para voltar aos seus logares (8 compassos).

Se a quadrilha se compõe de mais de 4 pares, os cavalheiros quando começam a 1.ª figura costumam avançar alternadamente, ou seja um par de um lado e outro de outro.

Estas figuras repetem-se segunda vez, começando pelos outros cavalheiros.

Repetição pelos outros pares (lados).

La final

A quinta contradança d'esta quadrilha é perfeitamente igual á segunda (*L'été*).

Sendo as quadrilhas obrigadas a rigorosa etiqueta, deve executar-se uma mesura, todas as vezes que se faça o *traversé* e no final de cada contradança.

A quadrilha franceza póde, em bailes partienlares, ser mareada, mas é necessario que o cavalheiro que a marcar tenha o maximo cuidado na escolha das marcas, para que esteja ao alcance de todos, pois ha marcas muito facéis e outras difficilimas.

E' tambem admissivel marcar só a quinta contradança (*La Final*).

O cavalheiro que marcar uma quadrilha necessita de muita pratica, e todas as vezes que fór marcar uma quadrilha deve prevenir o director da orchestra ou o pianista de que não termine nenhuma das contradanças sem o signal dado pelo cavalheiro marcante ou pelo mestre de sala.



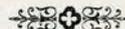
Um sujeito muito conhecido pelo gosto exquisito como cultivava uma sua quinta nos arredores de Lisboa, dando-lhe feição de um parque, cheio de lagos e estufas, perguntado um dia por alguém por que não aproveitava o cumprimento d'esses lagos mandando vir *gondolas de Veneza*, respondeu:

— *Sim, mandei vir duas, mas não se deram bem com o nosso clima e morreram...*



ESTRANGEIRO

No proximo numero inseriremos n'esta secção, notas do movimento mundano no estrangeiro escriptas por um nosso amigo residente em Paris e que em carta recebida hoje accede gentilmente ao convite que lhe fizemos da sua collaboração.



BASES D'UM CONCURSO

Com o fim de tornar esta secção tão interessante quanto possivel, resolvemos abrir um concurso entre os nossos leitores;

Qual a menina solteira mais interessante que assistiu á *matinée* realisada na ultima quinta feira no *Chiado Terrace*

Da *demoiselle* que maior numero de votos obtiver publicaremos no nosso terceiro numero (em 8 de Abril) a photographia acompanhada de alguns dados biographicos.

As respostas serão abertas na primeira quarta feira de Abril, sendo recebidas n'esta redacção até á hora do correio da manhã d'esse dia.



Yvette Guilbert

No palco *historico* do theatro da Republica vae dentro em breves dias escrever mais uma pagina brilhante nas tradições artisticas d'aquella aristocratica casa de espectaculos a cançonista franceza Yvette Guilbert. O publico lisboeta vae ter ensejo de conhecer de visu os mais faiscentes olhos que a Natureza emprestou a uma sua grande criação, vae ouvir a mais chistosa complotista que a França possui.



Yvette Guilbert

A creadora impagavel das *Jeunes Marées* de quem hoje publicamos a photographia, tendo sido escutada com enlevo por toda a Europa, não podia deixar de contar no seu activo de



Yvette Guilbert

noites gloriosas as que certamente irá passar entre nós os allacinhas que á empresa Braga & C.º devemos a exhibição dos vultos artisticos de maior folego que existem por esse mundo em fóra.



Ultimas creações artisticas

De todo o largo repertorio das peças representadas esta epocha nos theatros de Lisboa, foram duas as que maior e mais completo successo obtiveram:

Amores de Principe na Trindade e *Envelhecer* no Theatro da Republica.

Na primeira, uma operetta allemã, marcou mais uma brilhante etape na sua carreira, a actriz Palmyra Bastos.



Palmyra Bastos

Esta secção, destinada á divulgação dos artistas de merito e á dos seus successos, veste de gala por ter logo no seu inicio o ensejo de dizer de sua justiça sobre a actriz de operetta de maior cotação no nosso restricto meio.

Se brilhantemente ite é, que Palmyra Bastos representa e canta o papel de princeza Nathalia nos *Amores de Principe* onde o nosso agrado é completo, e o encanto enorme, é no 2.º acto na valsa das rosas.

Sentimentalismo e revolta intepreta-os a gentil actriz tão bellamente que não ha de fugir ao applauso merecido que uma frieza muito vulgar no nosso publico costuma occultar.

Temos agora o *Envelhecer*, original em 3 actos de Marcellino de Mesquita, e que Eduardo Brazão escolheu para a sua festa artistica.



Marcellino de Mesquita

Encantadora pagina de Arte foi toda essa que passou perante os nossos olhos!



Emilia d'Oliveira

Não temos duvida em affirmar que se possuíamos uma dezena de peças da envergadura litteraria do *Envelhecer* e outra dezena de artistas que representassem com o carinho e a

intruição como o fizeram Eduardo Brazão e Emilia d'Oliveira e mesmo ainda, sem fugir á justiça, mais alguns artistas do *Republica*, certamente que marcavamos uma pagina brilhante no meio theatral contemporaneo.

E nada mais diremos porque nada mais carecemos de dizer:

Bravo!



Eduardo Brazão



João Gil e Antonio Sarmento

Jão Gil e Antonio Sarmento, dois aprecia dos elementos do Theatro da Republica fizeram na terça feira ultima a sua festa artistica.

Alem da interessante comedia *Papillon* um *levé de rideau* fez reviver o theatro de ha trinta annos o que não deixou de agradar.

Interpretaram o Luz Velloso e João Gil e a comedia foi o *Amor Lyndri* o que os contemporaneos de Taborda dizem ter sido uma das suas corôas de gloria.

A comedia fecha, sem perder o sainete da sua epocha com um apelo cantado á benevolencia do publico.

Sala litteralmente cheia.



MACHADO CORREIA E JOÃO PHOCA

A sua festa artistica

Deveras interessante pela novidade do *j.r. no fallado* a recita de 4.ª feira no *Republica*. Ambos os festejados foram muito cumprimentados por todo o nosso mundo intellectual que conta nos auctores de *Num nifo* esplendidos satejites.

A sala do *Republica* na noite de 22 era encantadora de frescura e perfumes que lhe insuflava uma larga assistencia de lindas mulheres.



No Colyseu dos Recreios estreia-se hoje uma mulher transformista que do estrangeiro vem precedida do maior reclame; M.^{lle} Fregolina, uma interessante creança de 12 annos e que é tida como emula de Fregoli que ha uns annos tão aprecia-lo foi por nós.

A gentil creança exhibe, segundo nos consta, com enorme espirito, monologos, cançonetas, bailados, etc.

Alem d'esta prodigiosa artista estreiam-se tambem hoje os excentricos comicos *Brothers Wills* e os parodistas *The Clement*.

A completar um programma deveras interessante apresenta-nos tambem a empresa Santos a estrella do bailado flamengo *J. lia Calvez*.



O VIEGAS

Houve em tempos ahi em uma terriola da provincia uma corrida de touros lidados por amadores. Entre estes distinguia-se pelo seu palafrioio um tal Viegas, que a acreditar no que elle dizia, tinha toureado rezes de todas as qualidades, desde os respeitaveis e reputados miuras, até aos manejavaes bezerros do sr. Papa Tabaco.

Organisou-se a corrida, alugaram-se os bichos, distribuiram-se os logares, cavalleiros, bandariheiros, moços de forcado, etc., etc., e fez-se a passagem da casa com bom exito monetario.

Por conselho do nosso heroe contractou-se um toureiro de profissão para dirigir na arena o trabalho dos amadores, escolheu-se dia e deu-se a corrida. Muito enthusiasmo na terra, praça cheia, e a concorrência avida de ver os prodigios do nosso Viegas, que vestido a primor com um fato emprestado, que por signal lhe estava um tudo nadinha, largo dava as ultimas ordens, e lembrava aos lidadores os logares que deviam occupar na praça durante as cortezias, recommendando a todos, coragem e sangue frio, recommendação escusada porque a maior parte estava fria de gelo.

São o clarim, sahem para a arena e aquillo foi um verdadeiro successo!

Que garbo! que elegancia!

O nosso Viegas occupando o logar que compete ao espada traçava com guapeza sem igual o seu *sapote de lucas*, e cumprimentava com um gesto que faria inveja ao proprio Frascuelo, os seus amigos, que estavam na trincheira.

Acabadas as cortezias deu-se começo á corrida, saindo o primeiro bicho para o cavalleiro que trabalhava tão mal, tão mal, que até parecia um cavalleiro de profissão, d'estes que ganham cem mil réis por corrida.

Vieram os campinos, e á custa de muito trabalho acompanhado a assobio obsequiosamente tocado pelo publico, lá recolheram a réz, que saiu pesarosa de não ter dado ainda mais lambada tanto no cavalleiro, como nos peões de bréga.

Chegou o grande momento.

Competia ao Viegas ir para a gaiola, o que fez, sendo acompanhado pelo toureiro de profissão, que lho indicou o sitio em que se devia collocar e a *soida para o caso de sinistro* dando-lhe alguns breves conselhos que Viegas ouvia, por simples amabilidade e para não o chamarem incredulo.

O *cójuva* (é assim que a gente do officio, chama aos que coadjuvam em uma corrida de amadores), foi-se collocar a distancia, de capote no braço, para desviar a attenção ao touro, pois que não tinha absoluta confiança no remate da sorte de gaiola, que elle palpitava seria feita a alguns metros acima do nivel do mar.

Emfim! Toca! Sai o touro! Vê o capote do *cójuva* parte para elle como um raio e nem se quer vê o Viegas!!

Mas este — (questão de sangue frio) é que viu o touro perfeitamente! Pareceu-lhe um elefante animado de velocidade d'um expresso... e então esquecendo-se de tudo, do seu passado, do seu nome, do seu prestigio, largou a fugir como um raio, como um doido d'encontro á trincheira, saltando a n'um gracioso salto de palhaço de cabeça para baixo e patas para o ar.

O *cójuva* correu para elle e desesperado disse-lhe:

— Má rzios o partam a você mais ao medo! pois você não viu que emendei a viagem ao touro e que você não corria o menor perigo, sua bêsta!

— Pois sim, sim, dizia o Viegas, um pouco tremulo ainda, mas é que eu conheço bem os touros e adivinho-lhes as idéas. O gajo foi lá ter com você, porque disse lá comsigo: — Vamos lá primeiro marrar n'aquelle que está longe, porque o Viegas está certo!

JOSÉ FARIA.



Machaquito

CAMPO PEQUENO

Detalhe da corrida de Domingo, 26

- 1.º para José Casimiro.
- 2.º » Theodoro e Cadete.
- 3.º » Manoel dos Santos e Vieira.
- 4.º » Morgado de Covas.
- 5.º » Bandariheiros de Machaquito.

INTERVALLO

- 6.º para José Casimiro.
- 7.º » Cadete e M. dos Santos.
- 8.º » Bandariheiros de Machaquito.
- 9.º » Morgado de Covas.
- 10.º » Vieira e Theodoro.

Este programma pôde ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

LUZ ELECTRICA

J. A. LEITÃO

129, Rua do Salitre, 131—Lisboa

Telephone 2623

Construções e installações electricas, força motriz, apparellagem electrica e seus accessorios, motores-dynamos para corrente continua ou alternada, lampadas de incandescencia de todas as qualidades, lampadas de filamento metalico, arcs voltaicos, resistencias, accumuladores e apparelhos de precisão, ventoinhas e apparelhos para aquecimento, telephones, campainhas, ára-raios, etc.

Reparação de todo o systema de geratrizes ou electro-motores

Canalisações para agua e gaz

Trabalho de serralheria mechanica e civil

Orçamentos gratis

Rapida execução em todos os trabalhos

Modericidade em preços

Officinas e deposito—Rua do Salitre, 129

N.º 1

FOLHETIM

JULIO DINIZ

Uma familia ingleza

I
Especie de prologo, em que se faz uma apresentação ao leitor

Entre os subditos da rainha Victoria, residentes no Porto, ao principiar a segunda metade do seculo dezenove, nenhum havia mais bemquisto e mais obsequiado, a poucos se apantavam como mais fleumaticos e genuinamente inglezes, do que Mr. Richard Whitestone.

Por tal nome era em toda a cidade conhecido um abastado negociante de fino tacto commercial e genio emprehendedor, cujo credito nas primeiras praças da Europa e da America, e com especialidade nos vastos emporios da Gran-Bretanha, se fir-

mava em bases de solidez superabundantemente provada.

Nos livros de registro do *Bank of England*, bem como nos de alguns *Joint Stock Banks* e dos Banqueiros particulares da *City* ou de *West-End*, podia-se procura com exito documentos justificativos d'este credito florescente.

Não era Mr. Richard homem para seguir somente caminhos batidos, nem para empallidecer ao abandonar-se em veredas não arroteadas, onde se achava a sós com o seu esforço e tenacidade.

Por vezes arriscara capitais a inaugurar companhias, a plantar novos ramos de commercio, a auxiliar industrias nascentes, aventurando assim proveitosos exemplos, para serem seguidos depois, já com melhores garantias de lucro, por seus collegas, caracteres em geral cautelosos e positivos e sempre desconfiados a respeito de innovações.

Apesar d'isso as crises, essas derruidoras tempes-

tades tão frequentes na vida do commercio, tinham passado por cima da casa Whitestone, respeitando-a. Através das nuvens negras, que tanta vez assombram o mundo monetario, vira-se sempre brilhar a firma do hourado Mr. Richard, com o esplendor tradicional; enquanto que não sorriam fados tão propicios ás de muitos meticulosos e precatados, não obstante egoistas abstencções.

Era o caso de mais uma vez repetir o *Audaces fortuna...* de já estafada memoria.

Esta immunnidade, em parte devida á lucida intelligencia, com a qual Mr. Richard sabia superintender nos variados negocios do seu tracto, em parte a não sei que benigno espirito, ou acaso feliz, a que muitas vezes parece andar subordinada a fortuna, valera-lhe uma illimitada confiança entre todos, com quem o negocio o ligava, confiança da qual, nem em circumstancias frivolosas, se mostrou nunca indigno depositario.

(Continúa)

Officina de Fundição de Metaes
TORNEIRO e GALVANISMO
 Fundada em 12.6.1901
 Manufatura de todas as ferragens (em metal) para automoveis, nikelagem, etalages e varões para moutras, ferragens para urnas e moveis antigos, etc., etc.
Canalisações e aparelhos para Gaz e Agua
Installações electricas
 Dourar, pratear, nikelar e bronzear
ANTONIO TELLES
 Rua Sarriva do Carvalho, 89 a 93

"MERCEDES"
 Machinas de escrever
 A mais perfeita e resistente
RUA AUGUSTA, 75 — LISBOA
ACCESORIOS
 Reparações em todas as marcas de machinas
 Copias á machina
Traduções
 Ensino de Dactylographia
VENDAS DE MACHINAS
 Telephone n.º 3066
 Agencia no Porto

ENCADERNADOR-DOURADOR
Papelaria, Typographia e Artigos Religiosos
 ** 220 **
 Rua Augusta, 222
 Telephone 2089 **
Paulino Ferreira
 Succursal das Officinas ** de Encadernação movidas a vapor **
 92, R. N. da Trindade, 92
 ** Telephone 1495 **

TELEPHONE 1436

Telegramas (Lowisky-Lisboa)

J. VILANOVA & C.^a

160, Rua da Boa Vista, 162
 (ao Conde Barão)

Correias de couro bal ta, algodão e pello de camello. Empanques, amiantos e borraclias para usos industriaes. Grande sortido de terragens americanas para todas as industrias. Bombas e forjas de todos os systemas, engenhos de furar, etc.

specialidade em correia de couro americano marca (LOWSKY) registada

Lubrificadores para oleos e gorduras solidas. Tubos de vidro de nivel. Cabos de couro para transmissões de torça motriz, Frictolina para evitar o resvaldo das correias tira-tacos e demais artigos para a industria. Mangueiras de lona, de borracha, chupadores, etc.

UNICOS AGENTES: Dos motores a gasolina STOVER — Da acreditada fabrica de correias GANDY — De Turner Brothers de ROCDALE



Pharmacia Ultramarina

O receio que sempre se afigura enorme a quem tem de usar um remedio é se não teria havido qualquer engano por parte de quem o manipulou.

Felizmente para a humanidade esse perigo não é vulgar, mas nunca é para desprezar a escolha da pharmacia.



Entre as que se impõem pelo cuidado, nos seus productos é a *Pharmacia Ultramarina* profissiuentemente dirigida pelo Sr *Valerio Barata* de quem é justo publicar a photographia como homenagem aos seus dotes profissionaes.



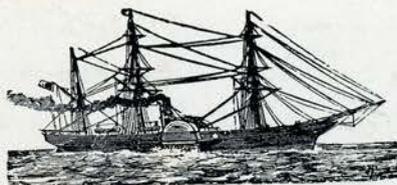
PEREIRA DUARTE

Cirurgião-dentista

Largo do Conde Barão, n.º 18
 (aberto até á meia noite)



EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO



Para Bissau, Bolama, Praia, Fogo, Brava, Tarrafal, Maio, Boa Vista, Sal, Nicolau, Santo Antão e S. Vicente.

Para S. Vicente, S. Thiago, (Fogo, Brava, Tarrafal, Maio, Boa Vista, Sal, S. Nicolau, Santo Antão, com trasbordo, em S. Thiago), S. Thomé e Loanda, só recebendo carga, sahe do caes do Jardim do Tabaco, no dia 20, o vapor **Peninsular**.

Para S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambriz, Loanda, (S. Nicolau, Cuio, Egypto, Benguella Velha, Quissembo, Ambrizette, Quinzau, Quissanga, Boma, Noqui, Matadi, Landana, Muculá e Musserra, com baldeação em Loanda), Novo Redondo, Lobito, Benguella e Mossamedes, sahe do caes da Fundição, no dia 22, o paquete **Zaire**. Não recebe carga para S. Vicente, S. Thiago, S. Thomé e carga liquida para Loanda. De ou para Fernand Pó recebe passageiros com trasbordo na ilha do Principe.

Para carga, passageiros e quaesquer esclarecimentos, trata-se:
 NO PORTO. com os agentes H. Burmester & C.^a — Rua Infante D. Henrique.
 EM LISBOA: Escriptorio da Empresa — 85, Rua do Commercio.



Companhia Typographica

Trabalhos Typographicos em todos os generos

Secção especial de cartazes e programmas

Rua Ferregial de Baixo, 12 a 20 — LISBOA

F. I. A. T.

FABRICA ITALIANA AUTOMOBILI TORINO



Automoveis de quatro e seis cylindros, com força de 12 a 100 cavallos

Automoveis para transporte de passageiros e carga

Barcos automoveis de recreio, de guerra e de carga com motores de 12 a 700 cavallos

Motores para usos industriaes e agricolas

F. I. A. T. - PALACE

ANTONIO DE HEREDIA

TELEPHONE
2702

Rua do Salitre, 317

End. Telegraphico
FIAT - LISBOA

LISBOA

Accessorios e pneumaticos das melhores marcas

STOCK MICHELIN

Reparações e modificações em automoveis, motores ou barcos de qualquer marca executadas sob a direcção de um chefe montador da casa F. I. A. T.

Construcção e modificação de carroseries — Pinturas — Concertos e carga em accumuladores — Concertos em pneumaticos e camaras d'ar.